

ISSN 0104-1886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CADERNOS DO I. L.

n. 10
JULHO DE 1993

TERMINOLOGIA



INICIATIVA: Projeto Terminológico Cone Sul - TERMISUL

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ieda Maria. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. *Alfa*, São Paulo, v. 28, p. 119-126, 1984. (Suplemento).
———. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990. 93 p.
BIDERMAN, Maria Teresa C. *Teoria lingüística (lingüística quantitativa e computacional)*. Rio de Janeiro: LTC, 1978. p. 158-166.
BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Holt, 1961. p. 444-495.
CARVALHO, Nelly. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1989. 84 p.
CRYSTAL, David. *A dictionary of linguistics and fonetics*. Oxford: Basil Blackwell, 1990. p. 183.
CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. 839 p.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.
GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975. p. 89-101.

NEOLOGISMO E ANALOGIA

ÉDA HELOISA PILLA
UFRGS

O termo analogia entrou no vocabulário latino com o sentido matemático de proporção entre formas. Nesse sentido, as palavras das línguas teriam uma tendência a manter entre si relações proporcionais do tipo:

a : b :: c : x

Exemplificando essa razão em português, diríamos que, com base em palavra : palavras

formaríamos analogicamente n plurais como:

mesa : mesas

lâmpada : lâmpadas

e assim por diante.

No âmbito da lingüística, esse princípio foi largamente invocado pelos Neogramáticos do século XIX para explicar as mudanças lingüísticas que não se davam por evolução natural. Por tal princípio, uma forma resultante da ação analógica supunha sempre uma proporção, ou seja, a existência prévia de outros três termos da relação.

Citamos aqui os exemplos clássicos que explicam a substituição de "honos" por "honor" e "senatus" por "senati" no genitivo latino. Seriam as seguintes as proporções:

oratoris : orator :: honoris : x

donde x = honor, e

animus : animi :: senatus : x

donde x = senati.

Considerada ora como um fator de decadência das línguas, ora como um fator de desenvolvimento permanente, o fato é que, o reconhecimento de que as línguas devem muito à analogia, data de longe.

A criação de novas entidades por analogia e padrões regulares de formações anteriores ocorre tanto na regularização de formas anômalas quanto, e em especial, no surgimento de neologismos.

Qualquer palavra improvisada como "imexível", tida como um neologismo espontâneo criado por um usuário comum da língua, surgiu, indiscutivelmente, por analogia a outras anteriores como "imperdível, incansável, inalterável e intransponível", e assim por diante.

Assim, embora a palavra nunca antes produzida tenha surgido na fala, através de um enunciado real e autêntico, já existia potencialmente na língua como sistema organizado. Queremos dizer que todos os elementos que entram na sua composição: "in-", "-perder-" e "-ível" já estavam disponíveis lá. Ela já existia virtualmente. A palavra é gramatical e decorre da analogia sincrônica.

Mesmo que seus elementos já façam parte da língua, sua realização na fala é imprevisível. Os modelos que provocam a criação da nova palavra (neologismo derivacional) já estão registrados na língua e devem pertencer a um conjunto razoavelmente representativo para desencadear a analogia. Há, portanto, uma implicação quantitativa bastante necessária.

A relação que une as formas novas com as já existentes não é regida, entretanto, por nenhum princípio sintático manifesto, apenas pela percepção de uma relação. O reagrupamento das formas em séries associativas segue-se a uma comparação mais intuitiva do que consciente. Essa comparação binária é vertical (com outros afixos iguais) e horizontal (com outras construções globais). Tal comparação mais ou menos inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua como sistema e, alinhados de acordo com suas relações sintagmáticas e paradigmáticas, precede a criação. Portanto, uma parte do processo se realiza antes mesmo de aparecer a nova forma. Essa talvez seja a razão de, em várias criações similares, não as sentirmos como algo totalmente novo, deixando uma sensação de dúvida se realmente se trata ou não de um neologismo tal a familiaridade com que a palavra se nos apresenta.

Num caso como esse, a analogia representa uma conformidade ou respeito ao sistema, que garantirá ao falante-criador a aceitação de sua criação. A existência de termos semelhantes vai conferir ao criador de uma nova palavra, uma segurança e uma confiança que, de outro modo, ele não teria.

Quando afirmamos, mais acima, que a criação analógica é sincrônica, quisemos dizer com isso que o fenômeno da utilização de unidades para a formação de novos itens ocorre com o valor que elas têm no momento dessa formação. Por conseguinte, as novas formações criadas por analogia são sempre compostas de elementos vivos, jamais de elementos cujo valor semântico não seja o atual, o contemporâneo.

Todas as subunidades da língua (entre elas sufixos e prefixos) sofrem a ação da época e é nessas condições que o falante tem

consciência delas; com o valor que lhes atribui no momento da criação e da composição de novas unidades.

Por essa razão, também os elementos latinos como "logia", com o sentido original de "revelação divina" e depois "palavra, dito", passou a significar "estudo, tratado" por força do significado conferido como resultado de sua associação com variados radicais ao longo de sua trajetória de vida. Hoje, bastante vulgarizado em virtude das várias formações híbridas em que vem ocorrendo associado a palavras da língua comum como em "futurologia" e "numerologia", o elemento prova que seu significado também sofreu a ação do tempo.

Tais associações também afetam as subunidades quanto ao aspecto do registro mais ou menos formal.

Não temos dúvidas de que palavras novas como "caretice" (de careta) e "mauricice" (de Maurício) só podem ter se formado por analogia a "tolice" e "velhice", por exemplo, para citar apenas dois casos.

Nas formações neológicas espontâneas, nota-se que, como dissemos, o fenômeno supõe proximidade paradigmática muitas vezes inconsciente. Essa proximidade determina a criação de "caretice" em vez de "caretismo", mesmo que ambos os sufixos (-ice e -ismo) sirvam para criar substantivos a partir de adjetivos e designem mais ou menos a mesma coisa.

Dissemos mais ou menos, porque nos exemplos de que a língua dispõe, "-ismo" se caracteriza como um sufixo que determina "doutrina, sistema, modo de proceder ou pensar" e ocorre em registro formal (heroísmo, budismo, calvinismo), ao passo que "-ice" designa "qualidade, propriedade, modo de proceder" e ocorre, com mais frequência, em registro menos formal (burrice, faceirice).¹

Com respeito ao caso de "imexível", citado bem mais acima, percebe-se que entre "mexer" e "alterar", por exemplo, o segundo é mais formal e bem mais preciso em seu significado. Com isto, queremos dizer que, dentro do contexto em que foi gerado (pronunciado por um ministro de estado diante das câmeras de televisão), "imexível" é menos adequado do que "inalterável". A imprecisão semântica de "mexer" exige um contexto muito produtivo que lhe confira o sentido buscado. Esse mesmo motivo lhe confere, estilisticamente, um registro informal e popular, tornando-a pouco apropriada para servir de base a uma derivação num contexto formal.

¹Margarida Basílio se refere a esse sufixo como tendo função pejorativizadora. (BASILIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1991. 94 p.

Assim, embora "imexível" seja absolutamente correta dentro dos padrões sintático-semântico-morfológicos da língua portuguesa, sua inadequação estilística poderá torná-la pouco aceitável pela comunidade lingüística e, conseqüentemente, efêmera.

Ainda que se dê a analogia a importância necessária, e que realmente possui, como um fator de criação de novos itens lexicais, é preciso que se diga não ser o predominante. Seria, talvez, melhor dizer que é um dos fatores, estando associado a outros não menos importantes.

Podemos ilustrar essa questão colocando que, para um gerativista, "apoio" foi engendrado por "apoiar", e para um analogista "apoio" foi engendrado a partir de "apoiar", mas por analogia ao modelo "procedimento" em relação a "proceder", ou seja, o modelo da quarta proporcional:

proceder : procedimento :: apoiar : x
donde x = apoio.

UMA ABORDAGEM COGNITIVA DA TERMINOLOGIA

SÔNIA T. GEHRING
UFRGS

Neste trabalho a terminologia é apresentada a partir de uma abordagem cognitiva enfatizando a dificuldade em fixar-se a configuração das estruturas do conhecimento em dado momento, visto serem os sistemas de conceitos entidades relativamente fluidas em constante processo de mudança, especialmente no que tange à pesquisa e ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

Uma abordagem cognitiva da terminologia requer um entendimento da estrutura do conhecimento para que se obtenha uma visão da natureza, do comportamento e da interação dos conceitos e dos termos a eles associados o mais completa e coerente possível.

As estruturas do conhecimento não são entidades absolutas. Refletem, sim, o estado presente do conhecimento de um especialista ou grupo de especialistas. Em sua busca para determinar os termos relevantes para uma determinada área do conhecimento, os terminólogos iniciam seu trabalho pela análise dos domínios do conhecimento e constroem um complexo sistema de conceitos que, por vezes, sobrepõe-se. Uma das dificuldades desse trabalho consiste em fixar a estrutura do conhecimento em um dado momento já que os sistemas de conceitos são entidades relativamente fluidas que estão em constante processo de mudança, especialmente na pesquisa e no desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

Na prática, nenhum indivíduo ou grupo de indivíduos possui a estrutura completa do conhecimento de uma comunidade. Convencionalmente, divide-se o conhecimento em áreas ou disciplinas o que equivale a definir subáreas na área do conhecimento. Assim como diferentes disciplinas sobrepõem-se, também as subáreas interceptam-se.

Todos os indivíduos possuem a capacidade de adquirir e usar o conhecimento, uma faculdade comparável à competência lingüística na teoria gerativa. Possuem também, o potencial para ampliar a dimensionalidade dos elementos que compõem este conhecimento. É, porém, improvável que dois indivíduos ainda que tidos como estando em